

VISÃO PERIFÉRICA

CARLOS NUNO LACERDA LOPES

ABRIR
CAMINHO
E ERRAR PELA
ARTE, TAMBÉM
CLARO QUE PELA
ARQUITETURA, PELA
PAISAGEM, PELO
TEMPO QUE NOS
ATRAVESSA
REPETIR
VEZES O
DOS

SEM
MUITAS DAS
SÃO VERDADES
MEMÓRIAS,
SÃO NOSSAS, OLHARES
"O NOVO" E TUDO O
ISSO TENHO ALGUMA
ACEITAR. EU ACHO
TEMOS QUE FAZER
TEMOS

VERDADES,
QUE VEMOS,
OUTROS. SÃO
MEMÓRIAS QUE NÃO
QUE NÃO PROCURAM
QUE É IRREPETÍVEL E EU
DIFICULDADE EM
QUE TODOS NÓS
NOSSO PERCURSO,
COMETER

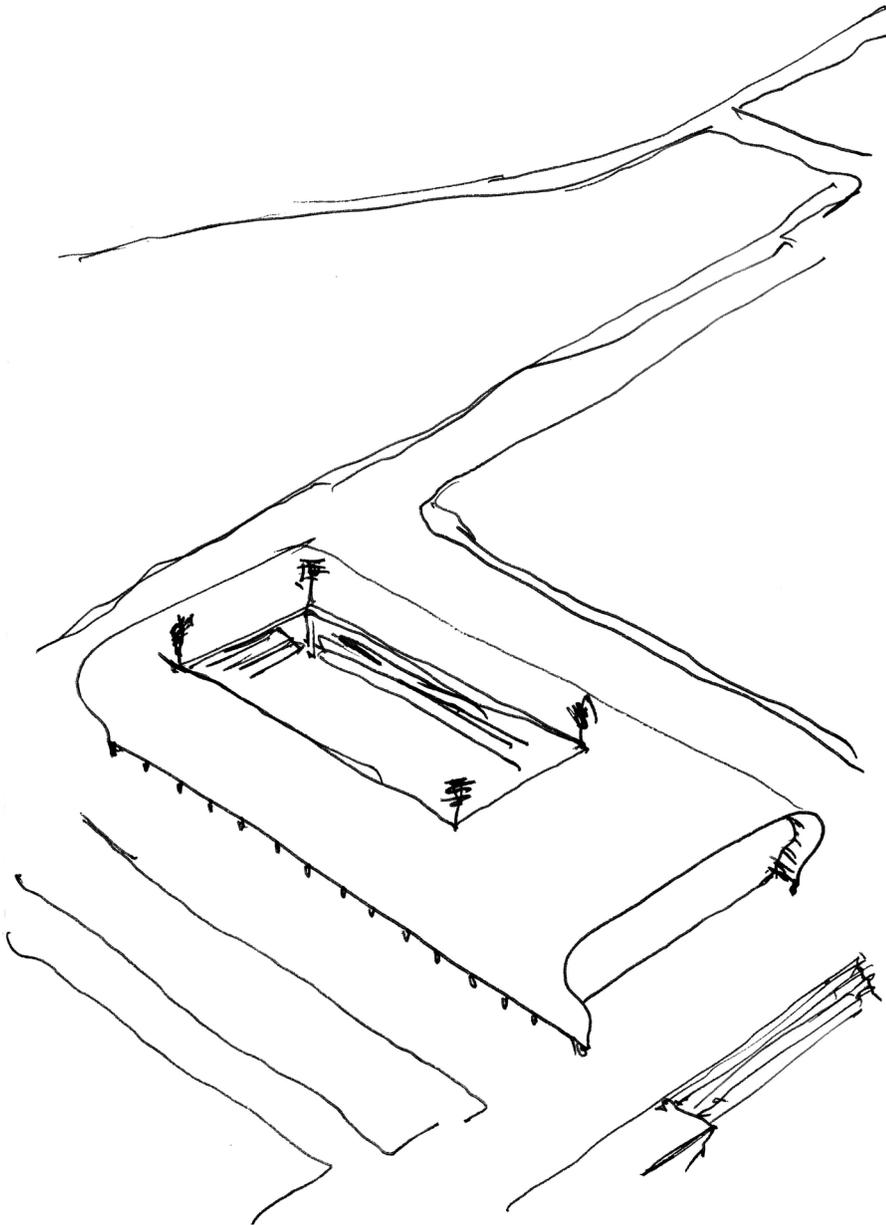
O
QUE
OS NOSSOS
ERROS,
TEMOS QUE

EXPERIMENTAR...E
SEGUIR A VIDA
REPRODUZIR
REPRODUZIR UMAS
FALSAS COERÊNCIAS.
BASTANTE NA
COMO NA ARTE.
RELAÇÃO COM
ESPELHA,

AS
E
POR
A ARTE
(TAL COMO A
ESPELHA COM
MUITO RIGOR OS
NOSSOS TEMPOS,
MAS MAIS DO
QUE OS NOSSOS
TEMPOS, OS
TEMPOS QUE AÍ
VÊM, AQUELES
QUE

NÃO TANTO
DOS OUTROS,
SUAS MEMÓRIAS,
FALSAS FILOSOFIAS,
ISSO PREOCUPA-ME
ARQUITETURA,
ISSO, TENHO UMA
PORQUE NOS
MÚSICA)...

8



Introdução

Em Arquitetura a produção escrita dos autores arquitetos oscila entre extremos: ora se verifica excessivamente dirigida à produção teórica, ora se verifica excessivamente baseada na produção prática ou seja nas suas obras de arquitetura, remetendo a escrita para uma atividade de carácter pontual, por vezes pouco sistematizada ou, se quisermos, residual.

A arte tem vindo a remeter o pensamento sobre a arte e a sua produção para a vertente da crítica externa, ligando de um modo crescente e cada vez mais frequente a produção teórica ao pensamento filosófico. É o afastamento existente entre a produção do objeto artístico – o ato de criação – e o processo de interpretação, seriação ou análise que nos leva a considerar a compreensão do fenómeno artístico como um “ato crítico” per si e, por conseguinte, a entender que os textos sobre a arte nos convidam, quantas vezes, a imergir nos aspetos relativos à argumentação, demonstração, comparação e por vezes de avaliação, fora do contexto do fazedor e do autor.

Em arquitetura o objeto crítico está geralmente ligado à obra realizada, a uma construção e, por vezes, ao método de a conceber ou produzir. Assim, a obra é, ainda hoje, a matéria de análise e de desenvolvimento teórico, o que leva a verificar o interesse de muitos autores – que são também arquitetos – pela produção crítica ou conceptual sobre o vasto domínio que o campo disciplinar da arquitetura oferece para essa revisão disciplinar. É precisamente neste enquadramento que este livro se justifica.

A organização e encadeamento de uma série de pensamentos, olhares sobre outras obras e autores, que noutros momentos foi necessário escrever ou existiu vontade e desejo

9

10

de fixar, permite-nos assegurar que não é de crítica de arquitetura que este livro nos fala. Não tem essa nem outra pretensão, é tão simplesmente a recolha organizada da expressão de um processo de procura, de uma vontade de ver outras realidades, numa visão que se quer periférica, divergente mas consequente – sem deixar, contudo, de estar centrada à volta do foco disciplinar e exclusivo da Arquitetura que nos ilumina, mas que não nos deve cegar.

Esta capacidade de ver o que está ao nosso lado quando olhamos de frente, percebendo o que está fora do foco da nossa visão, é o que podemos designar como visão periférica: um exercício fundamental que importa realizar quando pretendemos melhor perceber o nosso espaço e o espaço onde atuamos.

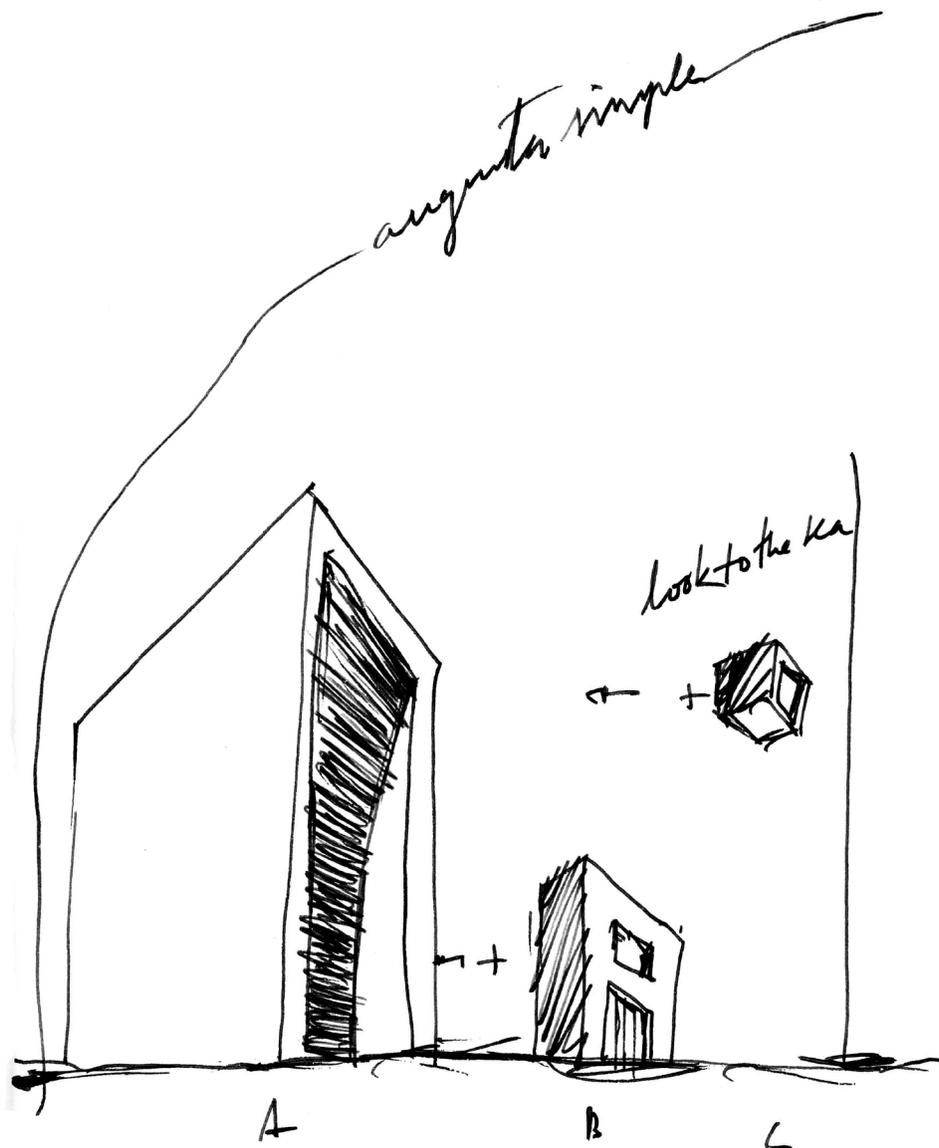


11

Fragmentos

Uma ideia de
arquitetura





Uma ideia de arquitetura

Não sei se a minha arquitetura procura o singular...

Não é esse o motivo por que acordo todos os dias e pelo qual trabalho. Penso que procura mais a experiência e não a memória. Posso dizer que não procura reproduzir uma verdade, mas apenas a vontade de descobrir, experimentar e errar por aí.

Percorrer caminhos que não são específicos da arquitetura, embora estejamos cada vez menos limitados. Abrir novos caminhos e errar pela arte, e também claro pela arquitetura, pela paisagem, pelo tempo que nos atravessa sem repetir verdades. Muitas das vezes o que vemos são verdades dos outros: são memórias que não são nossas, olhares que não procuram “o novo” nem tudo o que é irrepitível – e isso eu tenho alguma dificuldade em aceitar.

Acho que todos nós temos que fazer o nosso percurso, temos que cometer os nossos erros, temos que experimentar... e não tanto seguir a vida de outros, reproduzir as suas memórias, reproduzir falsas filosofias...falsas coerências. E isto preocupa-me bastante, tanto na arquitetura, como na arte. Por isso, tenho uma relação com a arte porque acredito que nos espelha – tal como a música – e espelha também com muito rigor os nossos tempos e, mais do que os nossos tempos, os tempos que aí vêm, aqueles que vamos atravessar, que vamos ter de compreender.

Por isso gosto de estudar as artes plásticas em geral, o cinema, o teatro... Acho que contribui bastante para construirmos a nossa experiência, aquilo que queremos fazer, aquilo que queremos exigir, aquilo que nós criamos. E isso, no fundo, permite que se possa dizer que o que criamos é um

